

rede. A região obteve seus primeiros cabos de fibra óptica em 2010, semeando o florescimento das comunidades tecnológicas.

[...]

Para as mulheres da tribo Samburu, os avanços tecnológicos permitiram que elas usassem tablets para ampliar suas habilidades e conhecimentos, aumentando o valor da educação nessa tribo tradicionalmente nômade.

[...]

"Foi fascinante ver o choque entre cultura, tecnologia e desejo", diz ele [Jazbec], aludindo à tensão inerente da modernidade e da identidade cultural. Por um lado, as telas estão tomando conta de nossas vidas. Por outro lado, a tecnologia pode ser usada como solução, inspirando e preparando a próxima geração do Quênia a fazer parte da paisagem competitiva global.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. *Como a tecnologia está revolucionando as salas de aula na África rural.* Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/tecnologia/2018/01/como-tecnologia-esta-revolucionando-salas-de-aula-na-africa-rural>>. Acesso em: 12 out. 2019. ©Alexandra Petri

©Shutterstock/Anton Petrus



Mulheres da tribo Samburu, Quênia, 2016

Como vimos, o lado criativo, progressista e moderno da África costuma ser ofuscado pelos estereótipos que envolvem esse continente. Assim como o empreendimento apresentado no texto, existem muitos outros desenvolvidos na África, que envolvem o uso da tecnologia para melhorar a qualidade de vida da população. Você saberia citar outros exemplos? Na internet, pesquise outras inovações tecnológicas criadas nesse continente e compartilhe-as com o professor e os colegas.

A revolução digital promete ser positiva para a redução das desigualdades na África, mas também apresenta desafios aos governos, que devem implementar políticas para reduzir o número de locais desconectados. Isso porque se trata do continente com menor acesso à tecnologia digital: estima-se que 18 dos 20 países menos conectados do mundo são africanos.

Raízes da desigualdade econômica

Para entender um pouco a marcante desigualdade econômica na África, é necessário compreender o processo de ocupação e colonização desse vasto território pelos europeus.

Quando as trocas comerciais surgiram e se expandiram em escala intercontinental, a partir dos séculos XV e XVI, a África se tornou um dos espaços mais explorados do planeta. Eram dois os principais objetivos dos navegadores que passaram a visitar a costa ocidental do continente: explorar as riquezas minerais e capturar africanos para escravizá-los.

Com o desenvolvimento do capitalismo industrial na Europa, o papel do continente africano no cenário mundial mudou. Desde o século XVIII, a Inglaterra – berço da Revolução Industrial – passou a condenar e a impedir a continuidade da escravidão, pois a mão de obra não remunerada não participava do mercado consumidor dos produtos industriais.

Assim, a partir do século XIX, a conquista europeia do continente se traduziu na busca incessante por novas e abundantes matérias-primas para expandir o processo produtivo.

Nessa época, foram organizadas grandes expedições de reconhecimento do interior do continente. Uma das mais importantes foi a realizada pelo missionário e explorador escocês David Livingstone, que avistou o Lago Ngami e o Rio Zambeze, além de ser o primeiro europeu a fazer a travessia leste-oeste da África.

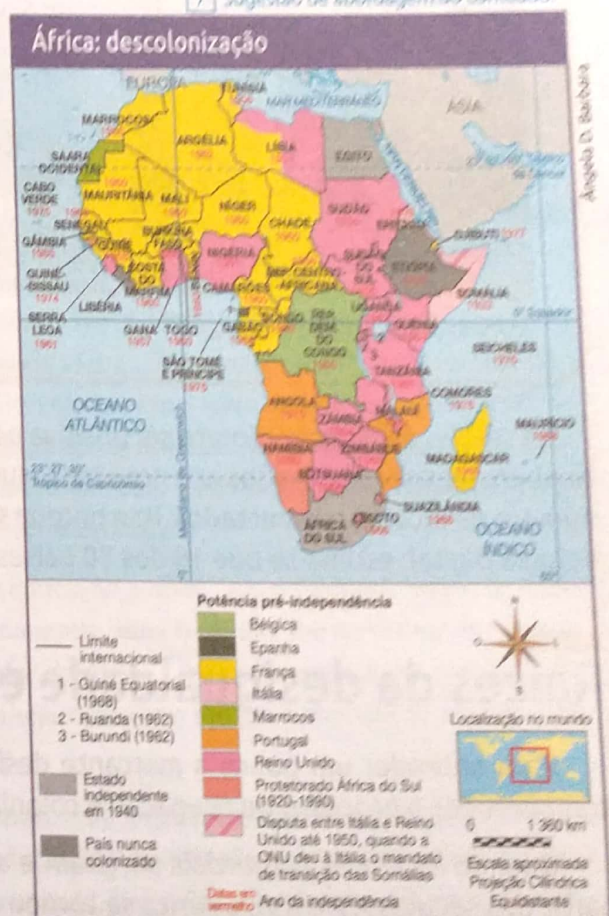
Os expedicionários europeus forneceram informações valiosas sobre o interior da África: descrições de lugares e povos, mapas e indicações que facilitaram a ocupação e a partilha das terras. Descobriram, por exemplo, que o continente abrigava imensas riquezas minerais e madeiras de alto valor comercial. Além disso, era possível desenvolver a lavoura extensiva nos trópicos africanos, já que o continente apresentava enormes áreas de terras cultiváveis e dispunha de mão de obra muito barata.

Assim, no século XIX, a África passou a ser intensamente ocupada pelas potências industriais europeias da época. Em 1885, o continente começou a ser partilhado entre Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Bélgica. Portugal e Espanha, apesar de já terem perdido seu poderio, ampliaram suas antigas áreas de dominação. Observe o mapa do ano de 1914.

7 Sugestão de abordagem do conteúdo.



Fonte: ATLAS da história do mundo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1985. p. 236. Adaptação.



Fonte: ATLAS da história do mundo: história completa da jornada humana. 2. ed. Londres: DK, 2005. p. 168. Adaptação.

O continente africano foi dividido em cerca de 40 territórios distintos, sem que fossem levadas em conta as diferenças culturais de muitos povos. Apenas os interesses dos dominadores europeus importavam.

Ao observar detalhadamente o mapa atual da África, verificamos que muitas de suas fronteiras são retilíneas, fruto de uma divisão decidida fora de seus domínios. Como consequência, etnias irmãs foram separadas e etnias inimigas acabaram reunidas em um mesmo território. Data dessa época o agravamento dos conflitos étnicos, que perduram em solo africano.

A colonização dos europeus desorganizou completamente a vida dos africanos. Os governos coloniais instituíram a cobrança de impostos, e os povos, para permanecer nos territórios que antes eram seus, viram-se obrigados a pagar elevadas taxas aos novos donos das terras. No entanto, a maioria dos nativos não conhecia o dinheiro. Assim, para conseguir cumprir as exigências, povos inteiros passaram a trabalhar para os europeus nas grandes lavouras voltadas à exportação, na exploração das minas e na construção de ferrovias, que faziam a ligação das áreas produtoras aos portos de embarque.

As empresas europeias davam preferência a trabalhadores mais jovens, com mais vigor físico para desempenhar as árduas tarefas braçais. Com isso, as aldeias eram privadas de sua melhor mão de obra e, conseqüentemente, as roças produziam menos, pois nelas ficavam trabalhando apenas os mais velhos e as crianças.

Com frequência, comunidades inteiras eram obrigadas a migrar para os arredores das cidades construídas pelos europeus, dando origem a enormes cinturões de pobreza e miséria.



olhar geográfico

Com base nos mapas da página anterior, resolva as questões.

- 1** A partir de 1885, a África começou a ser partilhada entre vários países europeus. Quais foram esses países?

França, Inglaterra, Bélgica, Portugal, Espanha, Itália e Alemanha.

- 2** Quais são as duas nações europeias que colonizaram mais territórios no continente africano?

França e Inglaterra.

- 3** Na divisão da África, importavam apenas os interesses dos colonizadores europeus. Cite algumas conseqüências dessa divisão e explique por que houve diminuição da produção de alimentos para a população africana.

O continente africano foi dividido em cerca de 40 territórios distintos, sem que fossem levadas em conta as diferenças culturais de centenas de etnias. Por isso, muitas de suas fronteiras são retilíneas, fruto de uma divisão decidida fora de seus domínios. Como consequência, etnias irmãs foram separadas, e etnias inimigas acabaram reunidas em um mesmo território. Data dessa época o agravamento dos conflitos étnicos, que perduram em solo africano.

As empresas europeias davam preferência a trabalhadores mais jovens, com mais vigor físico para desempenhar as árduas tarefas braçais. Com isso, as aldeias eram privadas de sua melhor mão de obra e, conseqüentemente, as roças produziam menos, pois nelas ficavam trabalhando apenas os mais velhos e as crianças.



Com a fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, os povos africanos – muitos deles envolvidos nos conflitos – passaram a lutar pela independência, ou seja, pela descolonização do continente. Em alguns casos, a independência foi conquistada pacificamente, como ocorreu na maioria das colônias inglesas. Em outros, porém, houve muito derramamento de sangue, como é o caso da Argélia, que, para conseguir se libertar da França, foi palco de uma guerra civil, que se estendeu de 1954 a 1962.

De maneira geral, em poucos anos, as colônias se tornaram independentes de suas antigas metrópoles. No sul do continente, contudo, a discriminação racial dificultou o processo de independência.

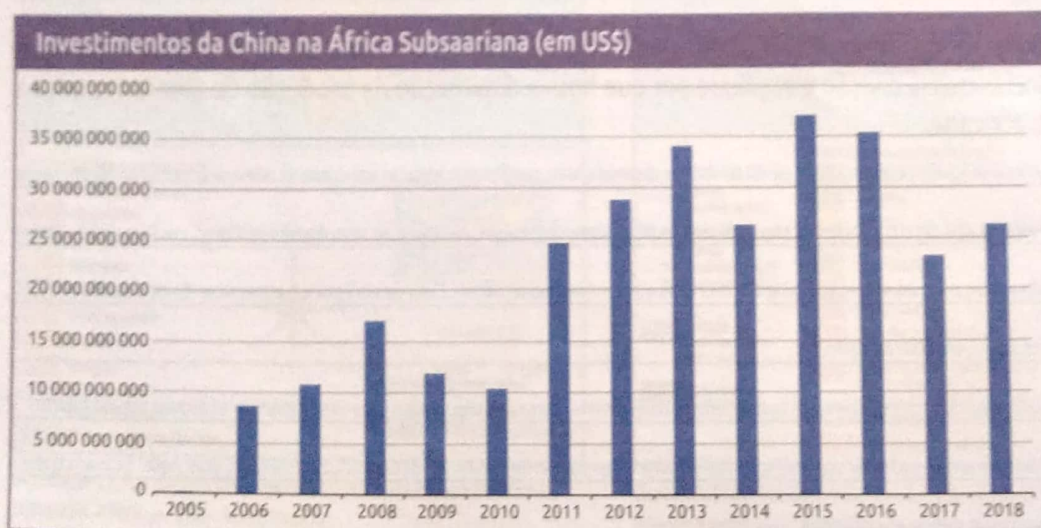
A África no século XXI

Apesar dos inúmeros problemas presentes na África, muitos deles de raízes históricas, o continente tem apresentado crescimento econômico muito expressivo nos últimos anos. Desde o início do novo milênio, o PIB do continente registra um crescimento médio anual de cerca de 4%.

Esse ciclo de crescimento se deve, principalmente, à exploração mineral e de petróleo, que vem se intensificando nos últimos anos. Países como Angola, Nigéria, Camarões, Gabão, Congo, República Democrática do Congo, Sudão, Guiné Equatorial, Chade e África do Sul se destacam como grandes exportadores de riquezas naturais – petróleo e minérios estratégicos. No entanto, o crescimento econômico só eliminará a pobreza se for acompanhado de políticas públicas que ampliem a qualidade de vida da população, como investimentos em educação, saúde, habitação e infraestrutura.

Assim como no Período Colonial, por suas riquezas naturais e imensas possibilidades econômicas, a África continua despertando interesses internacionais. A novidade é a presença da China como grande investidor do continente, especialmente nos países subsaarianos. Nessa região, o governo chinês financia projetos de infraestrutura, como ferrovias e oleodutos, ao mesmo tempo que concede empréstimos aos africanos. Essa parceria garante à China acesso ao mercado consumidor crescente, à barata mão de obra africana e a uma rica fonte de matérias-primas e energia, além de apoio político dos países africanos em assuntos internacionais.

Observe, no gráfico a seguir, o crescimento dos investimentos chineses na África Subsaariana, entre 2005 e 2018.



Fonte: AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *Chinese investments & contracts in Sub-Saharan Africa: 2005-2018*. Disponível em: <<https://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>>. Acesso em: 15 out. 2019.